

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE TEATRO LICENCIATURA**

SHIRLEY NUNES MAURÍCIO DOS SANTOS

A PRESENÇA DA MULHER NO GUERREIRO ALAGOANO

Maceió/AL

2023

SHIRLEY NUNES MAURÍCIO DOS SANTOS

A PRESENÇA DA MULHER NO GUERREIRO ALAGOANO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciatura plena em Teatro.

Orientadora: Prof.^a Dr. Telma César Cavalcanti

Maceió/AL

2023

Folha de Aprovação

SHIRLLEY NUNES MAURÍCIO DOS SANTOS

A PRESENÇA DA MULHER NO GUERREIRO ALAGOANO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas Comunicação e Arte da Universidade Federal de Alagoas como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciatura plena em Teatro.

Trabalho aprovado em:

Prof.^a Dr. Telma César Cavalcanti (Orientadora)

Banca examinadora:

Prof. Dr. Marcelo Gianini (UFAL)

Prof.^a Me. Washington Da Anunciação (UFAL)

Maceió- AL

2023

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi nada fácil, por muitos momentos quis desistir, por muitos momentos eu realmente não tinha condições nem física, nem mental de continuar, por isso começo agradecendo a Deus, a todas as santas e santos, porque acredito que sem a minha fé neles, que é o que eu acredito, é o que eu acredito que age como força superior, eu não teria resistido até aqui.

Depois quero deixar aqui registrado minha eterna gratidão a minha orientadora, professora doutora Telma César, pois sem ela, nada disso seria possível, ela esteve comigo desde o início na fase do pré- projeto até o dado momento, ela que não desistiu de mim, que não soltou a minha mão, que quando eu gritei por socorro, sempre estava disposta e que de certa forma acreditou no meu potencial e fez de tudo para que eu terminasse o que eu não tinha forças de terminar e dessa forma pudesse voar e dar outros passos.

Com muita emoção que agradeço ao meu avô Francisco Nunes (in memoriam) que está em outro plano por sempre ter incentivado e apoiado minhas escolhas, agradeço ao meu pai Carlos Maurício, as minhas mães Suzana Nunes e Maria Júlia por toda dedicação e suporte, sem vocês isso também não seria possível, as minhas irmãs Carla Jullyanne e Roberta Jullyane, por ensinar desde sempre a lutar pelos meus objetivos e principalmente por ser espelho de resiliência. Os meus agradecimentos se estendem a todos os familiares e amigos que sempre torceram por mim.

Minha eterna gratidão também a todos os educadores, a todos os profissionais que mantém a universidade de pé, seguranças, serviços gerais, coordenadores, aos dois professores especiais, Washington e Gianini, que eu convidei para a minha banca, muito obrigada pela disponibilidade. Agradeço também a dois professores queridos e que tiveram bastante influência sobre o tema escolhido, são eles: José Acioli (in memoriam) e Tony Edson (in memoriam). Agradeço também ao meu amado amigo Hernandez Brás (in memoriam) que tanto me ajudou e acolheu no período que eu estava grávida na universidade.

Por último e mais importante agradeço ao meu pequeno Luan Maciel Nunes Cavalcante, obrigada por ter me escolhido, obrigada por ter salvado minha vida tantas vezes, obrigada por todo amor, doçura e lembranças boas que você me traz. Sem sombra de dúvidas você é o maior impulsionador da minha caminhada, por você eu continue na faculdade, por você eu continuo lutando e graças a você estou prestes a realizar mais um dos meus grandes sonhos.

RESUMO

Este trabalho relata a presença da mulher no Guerreiro Alagoano, manifestação artística da cultura de tradição popular de Alagoas. Considerando a incisiva presença masculina nesse folguedo e a importância do trabalho desenvolvido por mulheres nesse contexto, destacamos as lideranças das mestras alagoanas Joana Gajurú, Maria Flor, Maria Vitória e Iraci Bomfim. Para a produção de dados foram realizadas entrevistas, pesquisa bibliográfica e consulta a vídeos documentários. O trabalho teve como objetivo contribuir para os estudos acerca do guerreiro alagoano, sobretudo no âmbito acadêmico do curso de Teatro destacando a figura feminina nesse contexto. Após o estudo, conclui-se que é importante abordar e relevar o trabalho desenvolvido por essas mestras contribuindo para valorização do trabalho efetuado por elas para a continuidade dessa tradição cênica alagoana.

Palavras chave: Guerreiro alagoano, mulheres, tradição popular.

ABSTRACT

This article reports the presence of women in Guerreiro Alagoano, an artistic manifestation of the culture of popular tradition in Alagoas. Considering the incisive male presence teaching this merriment and the importance of the work carried out by women in this context, we highlight the leadership of the teachers from Alagoas Joana Gajurú, Maria Flor, Maria Vitória and Iraci Bomfim. For the production of data, interviews, bibliographical research and consultation of documentary videos were carried out. The aim of this work was to contribute to studies about the warrior from Alagoas, especially in the academic scope of the Theater course, highlighting the female figure in this context. After the study, it is concluded that it is important to address and highlight the work developed by these masters, contributing to the appreciation of the work done by them for the continuity of this scenic tradition from Alagoas.

Keywords: Warrior from Alagoas, women, popular tradition.

1 APRESENTAÇÃO

A cultura popular esteve presente na minha vida desde muito cedo, através da minha família, escolas que eu passei e mais tarde quando entrei para o grupo Transart, período que coincidiu com minha entrada na Universidade. Como aluna do Curso de Teatro-Licenciatura, na disciplina projetos integradores 5, ministrada pela professora doutora Telma César.

Como trabalho de disciplina me propus a retomar minha experiência em dançar o caboclinho do grupo Transart, dança que retrata a saga dos povos indígenas. Partindo dessa dança, realizei uma performance voltada justamente para a figura indígena e as questões da invasão de terras, sobretudo pelas ocorrências noticiadas naquele momento, fazendo uma crítica ao que eles continuam sofrendo sobre a demarcação de terras, as mortes suspeitas, em que as evidências mostravam e tudo indicava que os garimpeiros eram responsáveis, a falta de respeito, de valorização e a perda dos direitos constantes. Desde então me vi decidida a desenvolver meu TCC sobre um tema ligado a cultura de tradição popular.

A questão dos povos indígenas no Brasil, desde então, tem sido fonte de questionamentos e incômodos que me levam a necessidade de que meu trabalho de conclusão de curso, em alguma medida, tangencie essa problemática. Neste sentido a experiência de assistir a encenação da parte do Índio Perí do guerreiro alagoano, feito por colegas de curso como trabalho resultante de disciplina Projetos Integradores ministrada pela professora Telma César me gerou o interesse por conhecer mais de perto essa manifestação cênica da cultura de tradição popular alagoana.

No quinto período fiz uma disciplina eletiva chamada Moderno Teatro Brasileiro, ministrada pelo professor doutor Otávio Cabral, onde escolhemos ler apenas livros que foram escritos por dramaturgas, a partir disso também

despertei o interesse por falar sobre a importância das mulheres no Teatro e do quanto elas continuam nos inspirando.

Quando iniciamos a disciplina de pesquisa educacional e tivemos que escolher o tema do TCC, fiquei na dúvida entre esses dois possíveis temas, foi quando, em diálogo com o grupo, encontrei um modo de articular ambos. As reflexões desenvolvidas ao longo de minha trajetória no curso, sobretudo nas disciplinas citadas, me fez refletir sobre a importância de ressaltar as figuras das mulheres no guerreiro alagoano, situando-as enquanto artistas e enquanto lideranças.

Enquanto artistas porque, a partir da perspectiva hegemônica do que venha a ser teatro, eles/elas não parecem ser considerados/as artistas, ou, não é costumeiro os/as ver localizados/as nessa categoria, ou referendados/as com esse título. É verdade que eles mesmos assim não se intitulam, atores ou atrizes, mas, a pergunta que fica é: nós, estudantes de do curso de teatro da UFAL, o que temos feito para contribuir com o reconhecimento desses artistas em nosso estado? Esse trabalho de conclusão tem esse objetivo, ser um contributo para a visibilização desses artistas no meio acadêmico ressaltando a importância dessas manifestações da tradição popular na formação do licenciado em Teatro.

A partir dessa delimitação, voltada as mestras da cultura de tradição popular de Alagoas, optei, em conjunto com minha orientadora, falar sobre as mestras de guerreiro alagoano, folguedo tradicional de Alagoas, sob a perspectiva de ilustrar suas trajetórias tanto artísticas desenvolvida dentro do Guerreiro, como seus papéis de liderança em seus respectivos grupos e comunidade.

A partir da delimitação desse tema, foram elencados então os campos de estudos a serem desenvolvidos para embasar nosso trabalho de conclusão de curso, bem como, a metodologia a ser utilizada. Entendendo a natureza exploratória da nossa pesquisa, e a carência de material escrito sobre o tema, partimos para pesquisa bibliográfica sobre o guerreiro, que constitui material focado na primeira seção deste trabalho. Nesse item, nossa principal referência foi Brandão (2003), utilizando ainda os referenciais de Cavalcanti (2011), essa última para embasar as questões relativas à história mais atual dessa manifestação popular. Além disso, recorreremos também a pesquisa iconográfica, cujo material, além de trazer subsídios para a ampliação do entendimento de

nosso objeto de estudo, ilustra o texto, colaborando para compreensão do mesmo. Para o levantamento dos aspectos biográficos das mestras estudadas, usamos Novaes (2011).

Considerando que a maioria das mestras pesquisadas já são falecidas e são poucos os escritos sobre elas buscamos referências no documentário sobre Joana Gajurú realizado em 2018 pela cineasta alagoana Marta Moura e a apreciação de lives realizadas pela mestra Iraci por ocasião do desenvolvimento do projeto de Extensão do Curso de Teatro “Transcrições poéticas Interculturais”, disponível na plataforma Instagram.

Recorremos também, aos relatos orais de familiares e colegas de cena. Para tanto, utilizamos como referência a entrevista compreensiva a partir dos referenciais de Kaufman (2013), para nortear a realização da produção de dados.

Para o êxito das entrevistas, ponderei as colocações de Kaufman (2013) quando este aponta que, para que o processo compreensivo se estabeleça, é necessário compreender as pessoas como “depositárias de um saber importante que deve ser assumido do interior, através do sistema de valores dos indivíduos”. A partir dessa perspectiva

“o informante se surpreende por ser ouvido profundamente e se sente elevado, (...) a um papel central. Ele não é vagamente interrogado a respeito de sua opinião, mas por aquilo que possui, um saber precioso que o entrevistador não tem” (KAUFMAN, 2013, p. 80).

Entrevistamos a filha da mestra Vitória, Anadje Moraes e a amiga e também companheira de cena de mestra Vitória, a artista e professora Telma César, esta que é orientadora desse trabalho.

Desse modo, o presente trabalho segue com um breve histórico do guerreiro alagoano. Consta de uma revisão de literatura dos autores supracitados, com o objetivo de situar o leitor acerca dessa manifestação da tradição popular local, tanto do ponto de vista histórico quanto da descrição de suas características estruturais e constitutivas. Em seguida adentramos a biografia das artistas elencadas para o estudo e, por fim, tecemos nossas considerações finais.

2. GUERREIRO ALAGOANO – BREVE HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS

De acordo com Brandão (2003, p.63) “O Guerreiro é caracteristicamente alagoano e resume-se, principalmente, no entrelaçar dos Reisados, Auto dos Congos, Caboclinhos e Pastoril.” É muito parecido com o reisado, entretanto tem mais personagens e mais número de episódios dramáticos. Surgiu na primeira metade do século XX. O nome para esse folguedo vem da “guerra”, a luta de espadas que ocorre nas disputadas a partir das narrativas que ocorrem nas apresentações.

Assim como os reisados, o guerreiro é um folguedo do ciclo natalino. O conceito de folguedo, definido na IV Semana Brasileira de Folclore, realizada em Alagoas em 1952, determina que um folguedo é “estruturado, comporta número certo de figurantes, traja uniforme especial, rito ordenado, carece de ensaios e preparação” (BRANDÃO, 2003, p.33).

Já Mario de Andrade, utiliza-se do termo Danças Dramáticas para referir-se as manifestações cênicas da cultura de tradição popular do Brasil. Por danças dramáticas o autor define

“uma expressão criada por Mário de Andrade para designar os bailados coletivos que obedecem a tema tradicional e caracterizador, respeitando o princípio formal de suíte (seqüência de motivos), podendo incluir ou não trechos de representação dramática” (ANDRADE, 1982, p.23)

Um dos aspectos mais marcantes desse folguedo é a sua visualidade. Cada personagem é identificado pelos chapéus, que são belíssimos e chamativos, eles são multicoloridos, imitam os trajes dos antigos nobres (em forma de igrejas, palácios, catedrais) enfeitados com espelhos, fitas, enfeites de árvore de natal, diademas, coroas, espelhos. O tecido utilizado na confecção das indumentárias é o cetim, com saíotes recobertos de fitas coloridas, mantos bordados de lantejoulas e gregas douradas, diademas, guarda-peito (coletes) e calções. Tudo é feito de forma muito artesanal, original e dentro das possibilidades econômicas de cada grupo. As fotos abaixo ilustram um pouco da visualidade dos guerreiros alagoanos.



Guerreiro do Mestre André. Foto: Leo Villanova, 2013.

O guerreiro é formado por cerca de 25 a 50 figurantes e personagens. Vale ressaltar que esse número varia de acordo com as necessidades do grupo, questões financeiras e quantidade de brincantes disponíveis. Cada grupo possui a liberdade de acrescentar ou diminuir os participantes de acordo com suas realidades. (BRANDÃO, 2003)

Dentre os vários personagens destacam-se: rei, rainha, mestre, contramestra, índio Peri, dois embaixadores, general, lira, vassalos, dois Mateus, dois palhaços, estrela brilhante, estrela de ouro, sereia, estrela republicana, e às vezes uma Catirina (BRANDÃO, 2003)

Ainda tem os entremeios, onde aparecem outros personagens (morto-vivo, lobisomem, diabo, alma, javali, capitão piloto, mascote, mãe velha, mata mosquito, o boi e o messias).

Como aponta Brandão (2010), cada personagem tem sua função na brincadeira, conforme descrito brevemente a seguir:

Mestre - é a figura principal do guerreiro, veste-se com roupas coloridas, enfeitadas com lantejoulas, espelhos e fitas. Na brincadeira tira "embaixadas", tipo de diálogo cantado que são rebatidos pelo mateus e faz "peças de cantoria" para acompanhamento dos figurantes.

Contra-mestre - Substituto do mestre em algumas partes ou no caso da falta dele.

Mateus - Os mateus são uma espécie de palhaço ou bobo que tiram loas e peças. Durante o dia em algumas localidades anunciam onde e quando acontecerá o folguedo (e ou o nascimento de Jesus ou a chegada dos magos, já a noite fazem parte da brincadeira vestindo roupas alegres e pintando o rosto de

preto com o pó de carvão, dividem atenção com o mestre e abrem a roda ou dança do boi.

Figuras - não possuem uma posição central no grupo. Elas compõem as duas fileiras de pessoas, chamadas de cordões. Cada brincante que fica na posição de figura deve cantar em resposta ao mestre, deve dançar o tempo todo e deve saber fazer as embaixadas.

Cada personagem possui um chapéu específico que a identifica, abaixo ilustramos os chapéus de alguns dos personagens e figuras:



Grupo: Treme Terra. Mestre: Benon e rainha: Edleusa de Almeida.

Foto: Michele do G1



Chapéu do palhaço à direita Foto: Wesley Menegari



Chapéu das figuras Fonte: Redação repórter nordeste, 2012.

Esse folguedo também se sobressai pela riqueza poética e melódica das peças, nome que é dado as canções. As composições podem ser de um repertório que se mantém pela tradição passando de uma geração a outra, como serem criadas por mestres, assim como também, podem ser improvisados na hora da apresentação. O mestre faz a voz solo, ou, às vezes, conforme a encenação, outras personagens fazem a voz principal que sempre é respondida pelo coro formado pelo grupo como um todo. O acompanhamento é feito pelo grupo de músicos que tocam sanfona (acordeon) e o tambor tocado com duas baquetas, juntamente com os pandeiros tocados pelo mateus e o palhaço, além do apito do mestre que guia o início e o final de cada “peça”, termo usado pra se referir as canções.



Foto: Wesley Menegari

O guerreiro funciona como uma espécie de opereta que possui os entremeios, as partes, os cantos e danças de abrição de portas, entrada na sala, adoração do divino e despedida.

Entremeios são pequenas cenas entre as cantorias, no qual são apresentados os bichos como o boi e o zabelê, e outras personagens, como: o doido, o diabo, a alma, a mãe velha, entre outros.



O boi. Foto: Print do vídeo do selo mundo melhor



O diabo: Foto: Print do vídeo do selo mundo melhor.

As partes são os textos encenados, textos esses denominados embaixadas. São falas rimadas, metrificadas e faladas ritmadamente num modo muito particular de interpretação do texto dramático. São várias as partes do guerreiro sendo as mais conhecidas a parte da Lira e a parte do Índio Peri. Esta última é considerada uma das principais pela beleza da luta de espadas que ocorre na encenação. Com espadas em mãos, os guerreiros da Nação dos Caboclos lutam com a Nação do Índio Peri para a conquista do arraial.

Aqui transcrevemos um pequeno trecho de embaixada da parte do índio Peri:

Rainha

Ô índio eu vou te avisar
Que eu não te trago enganado
Vamos ter uma grande luta
Um grande corte de espadas
O exército e a marinha
Estará ao meu lado

Índio Peri

Levante rainha da cadeira
E vem comigo combater
Venha disposta a morrer
Que eu não venho de brincadeira
Não venho contando asneira
Nem respeito valentão

O guerreiro alagoano é uma manifestação da cultura de tradição popular local que vem sendo enaltecida nos últimos anos como representativo de alagoaneidade. O chapéu do mestre de guerreiro tem estado presente na publicidade pública e privada de modo geral. De congresso médico à festivais de cultura e campanha política o chapéu está lá, representando a identidade alagoana. Mas, e a realidade dos grupos de guerreiro hoje, como está? O que vemos é uma certa falta de solução de continuidade, de falta de renovação geracional. De um modo geral, os grupos vêm sofrendo com a falta de renovação

do elenco, na medida em que os mais velhos falecem e os mais jovens veem perdendo o interesse por integrar esses grupos.

Observa-se a falta de políticas públicas voltadas para o fomento da adesão dos mais jovens de modo a garantir a continuidade da manifestação. Neste sentido, o papel de mulheres de diferentes gerações tem sido marcante no guerreiro alagoano. Dentre elas destacamos, por ordem temporal, mestra Joana Gajuru, Mestra Maria Flor, Mestra Maria Vitória e Mestra Iraci. Estas que integram esse estudo e sobre as quais discorreremos a seguir.

3. MULHERES GUERREIRAS

Em Alagoas os grupos de guerreiro sempre são mestrados por homens, contudo, algumas mulheres se destacaram nesse meio, se não assumindo o lugar de mestras no folgado, mas destacando-se por sua liderança. A seguir destacamos algumas dessas mulheres com uma breve descrição de cada uma delas.

Temos como grande exemplo de liderança a mestra Joana Gajurú que nos abriu caminhos dentro do folgado, mas principalmente por ser muito conhecida pelos uzineiros de sua época por comandar um batalhão de homens no trabalho rural, que até então era um campo comandado geralmente por homens, para ser respeitada e até mesmo para se proteger devido ao seu trabalho, ela andava armada. Isso automaticamente gera alguns questionamentos, como por exemplo, será que se fosse um homem nesse meio ele precisaria ter a mesma preocupação? Então mais uma vez nos encontramos nesse lugar de precisar “provar” as novas capacidades, habilidades e até mesmo de se preocupar com a nossa integridade quando estamos em determinado lugar onde a maioria são homens.

A outra referência que nós temos é a mestra Mestra Maria Vitória, que foi a primeira e única mulher a interpretar o índio peri, que até então era um personagem do guerreiro interpretado por homens, ela interpretou com tanta maestria que desde a primeira vez que assumiu esse papel nunca mais largou, é importante frisar que ela também era uma chefe de família, a provedora, segundo relatou sua filha mais velha Anadje Moraes.

3.1. Mestra Joana Gajurú

Maria da Conceição mais conhecida como Mestra Joana Gajuru, cujo nome de batismo é aria da Conceição, nasceu no povoado da lagoa do pau, pertencente ao município de São Miguel dos Campos, em 1866. Filha de Maria Rosa da Conceição, não conheceu o próprio pai. Segundo depoimento de sua filha adotiva (coletado no documentário), a mãe de Joana Gajurú, para ir trabalhar, a deixava num grutilhão, grotta onde ficava gente do vilarejo, meninas e meninos cujos pais iam para o trabalho e os deixavam lá, muitas vezes, desassistidos dos cuidados de um adulto.

Quando já tinha vinte anos, já residindo na cidade de Pilar, conheceu seu marido João, com o qual não teve filhos. Nesse período mestra Joana vivia da pesca, até que ela começou a ir para o chamado pagode de casa, festas das comunidades por ocasião das tapagens de casa de pau-a-pique. Os vizinhos a convidavam também porque ela cantava e batia no pandeiro.

Depois de certo tempo de casada começou a ser maltratada pelo marido e decidiu voltar para casa da mãe. Foi quando começou a trabalhar na usina Uruba (Atalaia), chegando lá ela conheceu um colega que já cantava peça de guerreiro e então ele fez o convite para ela participar da brincadeira.

A partir da separação do marido ingressa no mundo do trabalho nas usinas, na batalha como trabalhadora, galgando o posto de chefe de batalhão de homens trabalhadores da cana de açúcar.

Os senhores de engenho, depois uzineiros, fazendeiros e donos de terras contratavam Joana para arregimentar grupos de homens para capinar as terras onde deveriam ser plantadas a cana e esses senhores custeavam as apresentações que a mestra fazia.

Esses mesmos homens que ela comandava na labuta da cana de açúcar durante os dias da semana, aos finais de semana dançavam guerreiro com ela.

Sua função de liderança dos batalhões de trabalhadores de cana exigia que ela andasse armada, mas dentro de casa e para dançar guerreiro deixava isso de lado.

A museóloga Carmen Lúcia Dantas afirma que Joana Gajurú

"foi sobretudo uma feminista, teve coragem de ser feminista, defender os direitos das mulheres, em uma época que não se podia nem andar de calças e ela já andava com sua camisa masculina, suas botas, chapéu e cabelinho cortado curto para não dar trabalho, Joana e Zumbi para mim são duas figuras de Alagoas que o povo deve respeitar pela história."

Joana Gajurú morreu com mais de 100 anos. O reconhecimento de seu legado vem sendo demonstrado por artistas locais a exemplo do documentário "De guerreira a rainha" produzido por marta Moura em 2018, cujo lançamento honrou os 30 anos da mestra; o grupo de Teatro Joana Gajurú, fundado em 29 de janeiro de 1995.

Entre os mestres de guerreiro nota-se que é uma honra para eles terem conhecido mestra Joana ou ter dançado em seu grupo. Uma referência importante na formação de um brincante de guerreiro. Dizer que dançou com a mestra Joana Gajurú é como validar o currículo como brincante de guerreiro, demonstrar propriedade sobre os fundamentos da brincadeira.



Fonte: Acervo fotográfico MTB/Ufal. Crédito da foto: Celso Brandão (1982/1983)

3.2. Mestra Maria Flor

Mestra Maria Flor nasceu no engenho dos Prazeres, município de Flexeiras/AL, no dia 2 de fevereiro de 1930. Sua trajetória no guerreiro começou ainda na infância, sob influência de seus pais, Florentino Ferreira dos Santos e Elvira Maria da Conceição.

Aos vinte anos veio para Maceió, quando integrou o grupo do mestre Jorge Ferreira, no bairro da Chã da Jaqueira. Nesse período coadunava seu

trabalho como doméstica com a brincadeira de guerreiro, participando dos ensaios e das apresentações e viagens com o grupo. Para ela, o guerreiro era algo de muito importância em sua vida, como demonstram suas palavras:

" A coisa melhor do mundo é o guerreiro. Quando o Mestre Jorge resolveu viajar, eu largava do emprego de doméstica e ia junto. Sempre sobrava um dinheirinho para comer e guardar. Conforto nem pensar. O transporte era um caminhão, a dormida era a arranchada nas casas dos outros, ou nas salas das escolas, mas não faltava um palco para as apresentações e nada abalava a alegria de dançar o guerreiro" (NOVAES, 2011, p.93)

Dois anos depois, foi dançar no grupo de guerreiro Vencedor Alagoano, coordenado pelo Sr. José Tenório. Esse grupo tinha como mestre o Sr. Juvenal Leonardo Jordão. Nesse grupo ela permaneceu por 25 anos, dançando como rainha, até a velhice e as condições de saúde a impedir de continuar na brincadeira. Ainda assim, manteve-se conectada ao guerreiro através de suas lembranças:

"Hoje não participo mais da brincadeira, mas sinto muita saudade. Todos os dias canto as peças para não esquecer e para ensinar minhas bisnetas e tataranetas. Acho que elas vão gostar de dançar" (NOVAES, 2011, p.93)

Dona Flor era conhecida por sua característica peculiar de sempre estar muito enfeitada com anéis, pulseiras, colares, sempre maquiada e bem vestida, como se levasse para os eu cotidiano a majestade de sua personagem, a Rainha do Guerreiro.

Foi membro da Associação do Folguedos Populares de Alagoas (ASFOPAL), sendo assídua frequentadora das reuniões da entidade. Em 2009, foi considerada "Patrimônio vivo" pela lei do registro de Patrimônio vivo de Alagoas. Faleceu em 10 de dezembro de 2018.



Mestra Maria Flor. Fonte: Ascom/Secult-AL

3.3. Mestra Maria Vitória

Mestra Vitória, nasceu em Viçosa/AL, no dia 2 de novembro de 1938 e faleceu em 9 de dezembro de 2009. Teve como pai Jacinto Marques da Silva e como mãe, Maria Francisca dos Santos.

Sua trajetória no guerreiro começou na infância, aos oito anos de idade, junto a seus familiares. Desde os oito anos de idade começou a dançar guerreiro com seus familiares. Já adulta veio morar em Maceió, no bairro da Chã da Jaqueira, quando passou a integrar o grupo Guerreiro Vencedor Alagoano, coordenado por José Tenório, tendo como mestre Juvenal Leonardo. Foi atuando nesse grupo que encontrou aquela que viria a ser sua grande amiga, Maria Flor, rainha do guerreiro.

Posteriormente, criou seu próprio grupo o Guerreiro Leão Devorador, que tinha como mestre seu amigo até a morte, Mestre Djalma de Oliveira. Em seu grupo assumiu a personagem do índio Peri até os últimos dias de sua vida, sendo a única mulher em Alagoas a representar essa personagem, uma das principais desse folguedo. Era evidente sua dedicação a essa personagem, para mestra Vitória "dançar o índio Peri é muito importante. É uma figura muito forte e muito animada, além do traje que é muito bonito. É uma parte de drama do guerreiro" (NOVAES, 2011, p.96).

Seu grupo de Guerreiro participou de várias apresentações no estado de Alagoas e em outras localidades como Salvador, Recife e São Paulo. Com mestre Verdelinho e um grupo de músicos alagoanos. Mestra Vitória participou do projeto Sonora Brasil do SESC/AL, percorrendo 32 cidades brasileiras, do Sul ao Norte.

Em 2008 seu grupo foi contemplado com o prêmio de culturas populares Humberto Macaranã, do ministério da cultura. Este feito significou a concretização de um grande sonho de Mestra Vitória, a conquista de uma sede para o grupo no mesmo bairro da Chã da Jaqueira. Suas palavras comprovam a grandeza dessa conquista: "A inauguração dessa sede me fez muito feliz, foi o dia mais alegre da minha vida. Já posso morrer em paz."

Com sua morte, o grupo ficou aos cuidados de sua filha mais velha, Anadje Moraes da Silva que dividiu a coordenação com o mestre Djalma de Oliveira, falecido em 21 de agosto de 2010. Atualmente, infelizmente, o grupo encontra-se desativado.



Chapéu do índio Perí Fonte: ASFOPAL,2019. Mestra Vitória.

3.4. Mestra Iraci

Mestra Iraci Ana Bomfim de Melo é natural do município de Palmeira dos Índios/AL, nascida no dia 26 de abril de 1957. Filha do grande mestre de Guerreiro Nivaldo Abdias Bomfim e de Creuza Ana Bomfim, o Guerreiro faz parte de sua vida desde o nascimento.

Aos oito anos de idade dançava no guerreiro da mestra Joana Gajuru, sua madrinha de batismo. São muitas as lembranças das vivências do guerreiro na infância: "Eu me lembro que nessa época, eu ficava vendo meu pai cantando na fazenda Porongaba, em Atalaia/AL, e achava muito bonito, no mesmo instante eu aprendia".

Na adolescência, passou a integrar o guerreiro do mestre Adelmo, no povoado de Branca de Atalaia e, depois, passou a integrar o guerreiro do mestre Francisco Jupi (NOVAES, 2011). Quando mudou-se para Maceió passou a atuar como Rainha no grupo do mestre Zé Pequeno. Já adulta, em 1988 montou seu próprio guerreiro instituindo seu pai, Nivaldo Abdias, como mestre. Posteriormente, mestre Abdias funda seu próprio guerreiro, o grupo Campeão do Trenado e Iraci passa a mestrar o grupo Barreira Pesada.

Com a morte de seu pai e de seu irmão, Iraci permanece à frente do grupo Campeão do trenado, um dos últimos grupos do estado de Alagoas a manter as turnés pelas cidades do interior no ciclo natalino. É uma líder na comunidade dos mestres de folguedos em Alagoas, integrante ativa da ASFOPAL e brincante entusiasmada. A importância do guerreiro em sua vida pode ser entendida em suas palavras: "Dançar Guerreiro é a minha vida. Só deixo quando morrer e quero ser enterrada trajada de rainha, com coroa e tudo" (NOVAES, 2011, p.81).



Mestra Iraci Bonfim. Fonte: Ascom/Ufal

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revelia da falta de políticas públicas em Alagoas voltadas para o desenvolvimento e preservação do guerreiro alagoano, os mestres e mestras dão continuidade a sua jornada mantendo a brincadeira viva, como podem. Nesse contexto, as mestras abordadas nesse trabalho podem ser consideradas personalidades importantes. Além de atuarem na encenação com suas personagens, atuaram como lideranças, criadoras de novos grupos, fomentadoras da brincadeira e divulgadora do guerreiro não só em Alagoas como também fora do estado.

Além disso, afirmaram a abertura de espaços para as mulheres no guerreiro alagoano, uma trajetória que foi desbravada pela grande mestra Joana Gajurú e que segue, atualmente tendo como representante dessa continuidade a mestra Iraci Bomfim, a única viva, dentre as eleitas para esse estudo.

Muito ainda precisa ser feito para o reconhecimento do guerreiro como um referencial riquíssimo para os estudantes de Teatro, sobretudo aqueles que são alagoanos e que aqui atuam. Seja pelo conhecimento de teatro que nele está contido, seja por sua representatividade enquanto manifestação cultural genuinamente alagoana.

Desse modo, esperamos que este trabalho seja uma contribuição para os estudos do guerreiro alagoano, sobretudo no âmbito do curso de licenciatura em Teatro da UFAL.

Como mulher e estudante do curso de Teatro da UFAL, a realização desse trabalho representou, antes de tudo, inspiração. Longa vida ao guerreiro alagoano e as mulheres guerreira que fomentam sua continuidade entre gerações!

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. **Danças dramáticas do Brasil** (org. Oneida Alvarenga), São Paulo, Itatiaia/Instituto Nacional do Livro/Fundação Nacional Pró-Memória, 2 ed., tomo I. 1982.

BRANDÃO, Theo. **Folgedos Natalinos**. Maceió: Museu Théo Brandão, 2003.

_____ **Reisado Alagoano**. Maceió: EDUFAL, 2010.

CAVALCANTI, Telma. **Guerreiro e Identidade alagoana**. Maceió:

GRACILIANO (revista da imprensa oficial - Maceió-ano IV - N 10 - setembro/outubro 2011, p. 40-43).

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013, 202p., ISBN: 978-85-326-4637-8

NOVAES, Josefina Maria M. **ASFOPAL: 25 anos brincando sério**. Maceió: Grafmarques, 2011